



JOSÉ PAULO PAES**

Resumo

“São Paulo – comoção da minha vida!” Assim o poeta José Paulo Paes evoca três momentos de sua biografia – juventude, maturidade e velhice – entretecendo-os às virações sofridas pela cidade em cinquenta anos aqui vividos. O percurso das ruas marca o mapa de descoberta e experiência. Assinalada na memória, a sua convivência com Dora vem nos encontrar hoje, pois foi ela que gentilmente escolheu o depoimento para este número da revista, trazendo-nos de novo a presença de José Paulo: o humor discreto, a civilidade afável, a conversa envolvente como um vinho maduro.

Abstract

“São Paulo – commotion of my life!” Thus poet José Paulo Paes evokes three moments of his biography – youth, maturity and old age – intertwining them with the changes the city went through during the fifty years he lived in it. The route of the streets marks the map of discovery and experience. Emphatically recollected, his life with Dora is made available to us today, since she was the one to thoughtfully choose his testimonial for this issue of *Literatura e Sociedade*, bringing José Paulo back to us: his subtle humour, affable civility, charming conversation.

* A Revista *Literatura e Sociedade* agradece a Dora Paes a seleção deste artigo e a autorização para publicá-lo.

** (1926-1998) Poeta, escultor e professor por notório saber da FFLCH da Universidade de São Paulo.

Palavras-chave

Testemunho; cidade de São Paulo; mudanças.

Keywords

Testimonial; the city of São Paulo; changes

“São Paulo, comoção da minha vida!” O verso de Mário de Andrade veio naturalmente à lembrança do rapazola assim que ele avistou, deslumbrado, a festa de luzes da avenida São João e do vale do Anhangabaú. Tinha acabado de chegar do interior para tentar a vida na capital. Pegara um bonde em frente da estação da Luz e rumara para o centro na companhia de uns colegas de sua cidadezinha da antiga Araraquarense que já trabalhavam em S. Paulo. Junto deles, metropolitanos, o rapazola se sentia um matuto. Como eram tempos de guerra e muita gente estava vindo para a capital, ficava difícil achar quarto em hotel. Naquela noite, depois de muita procura sem fruto, ele teve de dormir numa casa de *rendez-vous* do Abaixo-o-Piques, a única que consentiu em alojá-lo até o dia seguinte, quando os conterrâneos tentariam lhe arranjar vaga numa pensão de estudantes.

De lá para cá muita água do Tietê correu sob a Ponte Grande. O Abaixo-o-Piques, reurbanizado, é agora a praça da Bandeira, e os *rendez-vous*, casas discretas até onde se ia a pé ou de bonde, foram substituídas pelo sexo motorizado e alardeado dos motéis. Neste meio século, a cidade se agigantou; se cobriu de poluição industrial, estufou de migrantes de toda parte, esparramou-se tentacularmente pelos subúrbios, o seu trânsito se tornou um caos. Mudou a cidade, mudei eu. O rapazola dos anos 40 é hoje um sexagenário que já andou por Oropa, França e Bahia, casou com uma paulistana da Barra Funda e mora no bairro de Santo Amaro, a 20 quilômetros do vale do Anhangabaú. É o poeta mais importante de sua rua, mesmo porque é o único nela. Faz mais de 5 anos que não vai ao centro da cidade. Mas sabe, pela televisão, que o viaduto do Chá, a rua Direita, a praça da Sé estão entupidos de marreteiros, como aqueles que, muitos anos atrás, viu espantado pelas ruas de Lima, numa profusão bem reveladora de quão grave era a crise econômica do Peru. Agora, para vê-la igual ou pior, ele não precisaria mais atravessar os Andes. Bastaria tomar um ônibus até a praça da Bandeira ou até o largo Treze de Maio, em Santo Amaro mesmo. Ou então passar diante das favelas do Morumbi, ao lado das mansões e edifícios de apartamentos de luxo. Ou espiar os sem-teto acampados debaixo dos viadutos.

Na verdade, para sentir a cidade, na sua miséria e na sua pujança, na sua pequenez e na sua grandeza, na sua impiedade e no seu encanto, o poeta distrital nem precisa mais sair de casa. A cidade se transfundiu nele ao longo desse diário, lento, imperceptível processo de naturalização do homem pela sua circunstância que o tempo vai efetuando. Não acontece coisa alguma no seu coração quando ele hoje atravessa a Ipiranga e a avenida São João. O que tinha de acontecer aconteceu há muitos anos atrás. Agora ele não é nenhum forasteiro: é um paulistano por direito de conquista. O que não quer dizer que tenha abdicado de sua raiz interioriana. Mas faz tanto que saiu da sua Taquaritinga de ruas em pé que já não sabe como lá voltar: só se pode voltar no espaço, não se pode voltar no tempo. Com a Paulicéia desvairada é diferente – as suas cidades foram se sedimentando pouco a pouco dentro dele, a seme-



lhança das Tróias sucessivas que o arqueólogo Schliemann desenterrou na costa da Ásia Menor. Cidades no plural, sim, que São Paulo é um empilhamento delas.

Há pelo menos três, diversas, guardadas nos desvãos da minha memória sentimental, essa velha senhora que, para meu vexame, se diverte em misturar datas, baralhar a ordem dos acontecimentos, confundir rostos e nomes. A mais antiga São Paulo de que me recordo é que recebe a classificação de pré-histórica na minha cronologia pessoal, é a dos anos 40, quando aqui cheguei pela primeira vez. Quantos habitantes teria a cidade a essa altura? Um milhão, dois milhões? Não sei, nunca procurei saber. Só sei que a escassez de produtos manufaturados, nos anos de guerra, dera um bom empurrão na indústria paulista, cujo crescimento atraía para cá mão-de-obra, sobretudo do interior do Estado. Empregos não eram difíceis de encontrar e no geral se vivia com um mínimo de decência na pobreza, sem o aviltamento da miséria cada vez maior que divide atualmente espaço com o arrogante desperdício do consumismo. São Paulo era uma cidade ainda boa para nela se viver. Podia-se andar pelas ruas sem medo de assalto e, a não ser nas horas de entrada e saída do trabalho, viajar sentado nos bondes. Bondes abertos que possibilitavam ao passageiro não só respirar a plenos pulmões (havia ar respirável naquela época!), como distrair-se vendo a agilidade com que o cobrador pulava de balaústre em balaústre para receber os tostões da passagem. Quem vinha do interior só fazia jus à cidadania quando conseguisse finalmente saltar do bonde em pleno movimento sem esparramar-se no chão, arte que, após alguns tombos humilhantes, consegui dominar.

Diferentemente da frenética verticalização à americana de agora, que multiplica biombos de cimento armado cada vez mais altos entre os olhos e a paisagem, a cidade guardava ainda um certo ar europeu no aberto de suas perspectivas, a exemplo dos dois viadutos, o do Chá e o de Santa Ifigênia. Lembrava, esse europeísmo de segunda mão, o de Montevidéu e Buenos Aires, inclusive no estilo das construções – o da estação da Luz, do prédio dos Correios, dos edifícios comerciais da Barão de Itapetininga e da Libero Badaró, dos casarões de Higienópolis e da avenida Paulista, tanto quanto dos sobradinhos classe média de Vila Pompéia ou Vila Mariana e das casinhas operárias de porta e janela do Brás e da Barra Funda. O sistema de transportes urbanos como que fazia a cidade voltar-se toda para o seu próprio centro, cujo coração era a praça da Sé. Embora alguns bairros já tivessem vida própria – um dos programas dominicais era atravessar as porteiças do Brás para jantar numa cantina e apreciar a beleza das “intalianinhas” dos contos de Alcântara Machado, – tal vida não alcançara o grau de independência que hoje tem. Sábado e domingo era de rigor vir-se do bairro para o centro admirar as vitrines iluminadas da Barão de Itapetininga e depois fazer o *footing* na São Bento. Isto é, percorrê-la a passo lento de uma ponta a outra, repetidas vezes, con-

versando com os amigos e trocando olhares cifrados com as garotas que, engajadas no mesmo ritual, transitavam em sentido oposto. Mais tarde se descia até a Cinelândia, a festa de luzes na São João com ramificações pela D. José de Barros e pela Ipiranga.

Era nesta última que ficava o cinema do mesmo nome, o mais luxuoso da cidade. Nele, supremo requinte, uma organista tocava órgão elétrico antes do início de cada sessão. O requinte estava em que o órgão ia surgindo de sob o palco e ali voltava a desaparecer aos poucos enquanto as luzes diminuía até apagar-se para a exibição do filme. Filmes americanos, as mais das vezes de guerra. De quando em quando, um dramalhão mexicano: o bolero estava então em moda. O mais famoso desses dramalhões, *Santa*, com Augustin Lara no papel de pianista (um pianista cego...), ficou mais de ano em cartaz, com a sala lotada. Dali, os rapazes de mais idade rumavam para algum *dancing* das proximidades. Isso quando tinham dinheiro de sobra, pois cada número de dança era cobrado, pelas damas contratadas da casa, com um picote no cartão antecipadamente comprado pelo cavalheiro dançarino. Se mais dinheiro sobrasse, terminava-se a noite num dos *rendez-vous* da rua Aurora ou da praça Princesa Isabel, quando não, mais proletariamente, num cubículo da Itabocas ou da Aimorés, a famigerada “zona” que a pudicícia do governo Garcez mandou fechar definitivamente poucos anos mais tarde.

Se depois do bauru com um pingado ou chope só tivesse sobrado dinheiro para o bonde, o jeito era ficar perambulando pela avenida, a apreciar o movimento, até a hora em que o sono convidasse a voltar ao bairro para mais uma semana de trabalho. Aos olhos de interiorianos como eu, que vinha de uma cidadezinha onde as dez da noite não havia viva alma nas ruas, era fonte de perene espanto a vida noturna da capital. Pouco tempo depois de aqui chegado, passei a noite toda de um sábado em vigília pela São João, na companhia de dois ou três amigos, para assistir, sucessivamente, à saída da última sessão de cinema, ao fechamento dos bares e por fim dos *dancings* não muito antes de, no finzinho da madrugada, aparecerem os primeiros varredores de rua que vinham limpar os detritos da noite.

A segunda São Paulo da minha caprichosa cronologia, vale dizer, a São Paulo propriamente histórica, é a dos anos 50 quando, após quatro anos de ausência, voltei para aqui ficar de vez. Esses quatro anos haviam sido passados em Curitiba, onde eu fizera um curso de química industrial e me deixara infectar por dois vírus perigosos. Do vício da política me curei em tempo hábil, embora sem abdicar do sonho igualitário. Do vírus da literatura nunca me quis curar e nem creio que haja cura possível. A pouca química que pude aprender nas horas em que não estava ocupado com poemas e artigos – alguns deles publicados na revista *Joaquim*, de Dalton Trevisan, um dos meus companheiros curitibanos de ilusão literária – foi suficiente para me arranjar um emprego de analista no laboratório de controle de uma indústria farmacêutica. A indústria ficava no Pacaembu, o mesmo Pacaembu



em cujo estádio, perdido num mar de gente, tinha ouvido Prestes discursar e Neruda recitar logo após o fim do Estado Novo.

Fui morar perto do trabalho, numa pensão da rua Lopes Chaves, Barra Funda, vizinha da casa de Mário de Andrade. Com parte do primeiro salário que recebi, comprei a prazo um terno azul-marinho, pois bastava ser um rapaz direito para ter crédito na Exposição. Assim rezava o slogan dessa loja que foi pioneira nas vendas por crediário, sistema que o poeta Menotti del Picchia, num arroubo de eloquência, chamou na época de verdadeira revolução social. Basta atentar nos baús da felicidade e outras arapucas do gênero para perceber no que deu essa pretensa revolução. O restante do salário, descontado o dinheiro da pensão e uns trocados para o cigarro, gastei-o todo na Livraria Francesa. Durante a guerra, estivera totalmente suspensa a importação de livros da Europa, pelo que aquela primeira compra de livros importados, então muito baratos devido ao câmbio favorável, foi um verdadeiro banquete intelectual.

O terno azul-marinho comprado a crédito tinha sido um gesto não de vaidade, mas de necessidade. Apesar da modernização dos costumes que se acelerou nos anos de pós-guerra, São Paulo era ainda uma cidade ciosa das convenções, tanto que se andava e se trabalhava habitualmente de terno e gravata. Lembro-me do caso de um cidadão, barrado pelo porteiro de um cinema porque estava de camisa esporte, ter perdido o processo que moveu contra o proprietário do cinema. Assim como me lembro do caso de duas turistas haverem chamado as atenções gerais por aparecerem de calças compridas no centro da cidade, isso até serem detidas por um guarda e levadas à delegacia. Por aí se pode imaginar o reboiço causado pelo pintor Flávio de Carvalho desfilando tempos depois, pelo mesmo centro, numa exótica vestimenta de saia curta, moda ecológica de sua invenção que, como seria de esperar, não conquistou adeptos.

Mas, para mim, o melhor daqueles anos de esperanças democráticas, apesar de reveses como a cassação do registro do PCB, estava no desenvolvimento cultural da cidade. Surgiam grandes livrarias, bem sortidas de títulos nacionais e importados, que ficavam abertas até tarde da noite, a exemplo da Monteiro Lobato, na São João, e do Palácio do Livro, na praça da República. Na Barão de Itapetininga a gente cruzava com artistas plásticos como Aldemir Martins, Clóvis Graciano ou Quirino da Silva; com escritores como Sérgio Milliet, diretor da Biblioteca Municipal, Mário Donato, o romancista do escabroso (para os filisteus da época) *Presença de Anita*, Fernando Góes, o contista do nunca escrito *Boa noite, Rosa*, ou Egard Cavalheiro, em cuja casa da Aclimação eu encontrara, sobranceiras de taturana, o Monteiro Lobato que ele iria depois biografar. Nas agitadas reuniões do Clube de Poesia os jovens poetas da geração de 45 polemizavam com um Oswald de Andrade já sessentão mas que nada perdera da mordacidade de 22. Conheci-o por intermédio de seu filho mais velho, Nonê, àquela altura diretor do Tea-

tro Municipal, onde tive oportunidade de ver Serge Lifar dançando *A tarde de um fauno* de Debussy e Jean-Louis Barrault representando *As mãos sujas* de Sartre. Havíamos elegido o nosso querido Oswald de Andrade Filho diretor do Grupo Experimental de Ballet, organizado por Dorinha Costa, que montou um espetáculo no Municipal com cenários de Flávio de Carvalho e música de Camargo Guarnieri. Pela mesma época, o moderno teatro paulista se firmava, no TBC, com atores da envergadura de Cacilda Becker e Sérgio Cardoso. Grudado ao TBC ficava o Nick Bar, onde noivei com Dorinha nos intervalos de aulas da estética do gesto que ela dava aos atores. Praticamente todos os jornais da cidade mantinham uma página ou suplemento literário e circulavam regularmente revistas de idéias como a *Brasiliense*. Além disso, a Associação Brasileira de Escritores promovia cursos de literatura para platéias de mais de mil pessoas. Eu colaborava nos suplementos e participava como palestrista dos cursos da ABDE. Era um típico escritor de fim de semana, já que os demais dias estavam ocupados pelo trabalho no laboratório farmacêutico.

Foi na ilusão de poder dedicar mais tempo à literatura que resolvi trocar o emprego de período integral no laboratório por um emprego de meio período numa editora de livros. Eu não iria demorar a perceber que quem cuida dos livros dos outros acaba não tendo tempo para escrever os seus próprios. Entretanto, os muitos anos de editora, então sediada na Liberdade, me levaram a conhecer uma parte de São Paulo que eu não conhecia. Depois do expediente, eu e Dora íamos às vezes fuçar as lojinhas de quinquilharias do bairro oriental para depois jantar comida típica num dos seus modestos e simpáticos restaurantes e assistir, num dos seus cinemas, a algum filme japonês. Pudemos então curtir, em ambiente congenial, a fase de ouro dessa estranha e vigorosa cinematografia. Uma década antes, eu curtira sozinho, no Cine Santa Cecília, quase em frente da minha pensão na Barra Funda, algumas das maravilhas do neo-realismo italiano, ao mesmo tempo em que ia aprendendo de ouvido o idioma cujos acentos principiara a entreouvir, música de fundo, na fala italo-paulista do bairro.

E, sem que percebêssemos, eis que chegam os anos 60, quando, findo o desastroso entreato Jânio-Jango, a jovialidade eleita de Juscelino vai ser sucedida pela carranca dos generais impostos. A eles devemos o milagre econômico que, em nome de um desenvolvimento a toque de caixa (não fossem os tempos militares), acabou nos levando para mais perto do abismo inflacionário que ora nos engole. Da natureza desse milagre, dá testemunho a cidade de São Paulo, onde seus efeitos mais negativos se fizeram sentir como sob uma enorme lente de aumento. A avalanche de veículos posta nas ruas pelas fábricas do ABC lançaram uma pá de cal definitiva sobre os sonhos outrora sonhados pelo urbanista Prestes Maia. À falta de vias que chegassem para dar vazão à avalanche, começaram a surgir monstregos como o minhocão da Olímpio da Silveira. E enquanto a classe média se deixava enganar



por um simulacro de abastança, os magnatas da indústria e as raposas da especulação imobiliária recebiam sinal verde para verticalizar e horizontalizar a cidade até onde os levasse a sede de lucro, empestando-lhe a atmosfera e poluindo-lhe as águas sem se preocupar com a qualidade de vida. Eles nos roubam o espaço de diante dos olhos, o ar de dentro dos pulmões.

De como o desenvolvimento selvagem desfigurou a fisionomia e a alma da cidade, disse-o melhor do que ninguém o contista João Antônio em “Abraçado ao meu rancor”, texto incluído no seu livro do mesmo nome. Quanto a mim, dos 20 anos de regime militar, sombrio iceberg cujos afloramentos mais notórios foram em São Paulo o assassinato de Vlado Herzog e a ascensão política de Paulo Maluf, só quero me lembrar, avesso reconfortante, de dois momentos históricos a que assisti em primeira mão: a montagem de *O rei da vela* de Oswald de Andrade no Teatro Oficina e de *Morte e vida severina* de João Cabral de Melo Neto no Tuca.

Os anos 80 iniciam a fase pós-histórica da cronologia do poeta distrital. Advertido pelo exemplo de seu amigo Osman Lins, que só nos últimos anos de vida pôde assumir em plenitude o seu destino de escritor, ele resolveu deixar o emprego na editora para se dedicar só a escrever e traduzir. Passa agora os dias enfurnado entre os seus livros, batucando na velha Remington. Raramente sai de casa, para visitar um amigo dos velhos ou dos novos tempos, atender a algum compromisso de trabalho, fazer uma ocasional palestra sobre literatura. A perna mecânica que hoje tem de usar dificulta-lhe andar sozinho na cidade. Já não pode perambular pelo centro, sem destino, como gostava de fazer há muitos anos atrás. De vez em quando vai a um cinema de *shopping* onde se angustia de ver os adolescentes gastando as horas de lazer naquela atmosfera confinada de penitenciária do consumismo. Aliás, a São Paulo afluente dos hipermercados, dos grandes centros de compra, dos condomínios fechados, dos restaurantes cinco estrelas, pouco lhe interessa. Reverso da medalha, dá-lhe um difuso sentimento de culpa a São Paulo das crianças esmolando nos cruzamentos com farol, dos humilhados e ofendidos morando debaixo de pontes, dos pingentes de trens de subúrbio e de ônibus superlotados, dos garotos de rua a cheirar cola de sapateiro, das vilas de periferia a conviver com as violência e a insegurança de cada dia e de todas as noites.

Mas entre o desinteresse pela riqueza despudorada da cidade e o sentimento de culpa pela sua miséria impossível de esconder abre-se uma fresta de esperança. Que se alarga quando, passando por algum dos seus bairros antigos, os olhos do poeta dão com algum canto de rua ainda não desfigurado, alguma singela pracinha ainda verde. Ou quando, do jardim de sua casa, admira um dia de céu azul após a lavagem da chuva, uma noite de lua em domingo de quase silêncio. Dá-se conta, então, de que, apesar de todas as degradações, a cidade não perdeu inteiramente o caráter. Assim como ele próprio guarda intacto no fundo da

memória o deslumbramento de rapazola do interior com as ruas feéricas da capital.

Dentro de dois anos vai fazer exatamente meio século que ele vive em São Paulo. Espera poder ainda assistir aos fogos de artifício com que a cidade irá saudar a chegada do terceiro milênio. Curioso que, nesses tantos anos, ele nunca tivesse sentido vontade de fazer um poema sobre ela. Talvez porque, depois da *Paulicéia desvairada* e da *Lira paulistana* de Mário de Andrade, não sobrasse mais nada de poeticamente fundamental a dizer sobre ela. Tampouco almeja ele, como o mesmo Mário de Andrade, que quando morrer lhe enterrem a cabeça na Lopes Chaves, no Pátio do Colégio o coração paulistano, a língua no alto do Ipiranga para cantar a liberdade. Bem mais modestamente, contenta-se em ser cremado na Vila Alpina para que de lá mesmo a mão de algum amigo sobrevivente lhe espalhe as cinzas ao vento, aumentando assim de mais uns grãosinhos de poeira a poluição da *sua*, por direito de conquista, desvairada Paulicéia.